



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA**  
**CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**



**ERLANE PEREIRA DA SILVA**

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE JOVENS DE 18 A 24 ANOS DESOCUPADOS**  
**NO BRASIL NO PERÍODO DE 2015 A 2019**

**PARNAÍBA, PI**

**2020**

**ERLANE PEREIRA DA SILVA**

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE JOVENS DE 18 A 24 ANOS DESOCUPADOS  
NO BRASIL NO PERÍODO DE 2015 A 2019**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas e Quantitativas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Profa. Orientadora:** Vera Lúcia dos Santos Costa

**PARNAÍBA, PI**

**2020**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial Prof. Cândido Athayde – Campus Parnaíba  
Serviço de Processamento Técnico

S586a Silva, Erlane Pereira da.

Análise da distribuição de jovens de 18 a 24 anos desocupados no Brasil no período de 2015 a 2019 [recurso eletrônico] / Erlane Pereira da Silva. – 2020.

1 Arquivo em PDF

TCC (Graduação em Ciências econômicas) - Universidade Federal do Piauí, 2020.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Ma. Vera Lúcia dos Santos Costa.

1. Jovens - Desemprego. 2. Impacto na economia - Desemprego. 3. Fatores econômicos - Desemprego. 4. Fatores sociais - Desemprego. 5. Fatores culturais - Políticos - Desmprego - Brasil. I. Título.

CDD: 331.137

**ERLANE PEREIRA DA SILVA**

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE JOVENS DE 18 A 24 ANOS DESOCUPADOS  
NO BRASIL NO PERÍODO DE 2015 A 2019**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas e Quantitativas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Profa. Orientadora:** Vera Lúcia dos Santos Costa

Data: 03/02/2020

Banca Avaliadora:

---

Profa. Me. Vera Lúcia dos Santos Costa

Presidente da Banca

---

Profa. Me. Vera Beatriz Martins Bacelar

Examinadora interna

---

Prof. Me. José Ribamar Pereira

Examinador interno

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me mantido na trilha certa, durante este projeto, com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grata à minha família, namorado e amigos pelo apoio que sempre deram durante toda minha vida e nesse tempo de curso.

Deixo um agradecimento especial a minha orientadora pelo incentivo e pela disponibilidade.

Também agradeço à Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Velloso, e a aos professores do meu curso pela evada qualidade de ensino oferecido.

*“Ignore, supere, esqueça. Mas jamais  
pense em desistir de você por causa de  
alguém.”*

Clarice Lispector

## RESUMO

O desemprego é um fenômeno importante e que tenciona observações, devido seu impacto na economia e na sociedade de um país. A desocupação é compreendida pela condição em relação à força de trabalho, ou seja, pela não atuação em atividades remuneradas, pela disponibilidade ou aqueles que deixaram de assumir alguma atividade de trabalho. Observa-se que os jovens entre 18 a 24 anos ocupam as maiores porcentagens de desocupação do país. Diante disto, o problema desta pesquisa é: Que fatores têm contribuído de fato para que os jovens de faixa etária de 18 a 24 anos tenham dificuldade para encontrar uma ocupação no mercado de trabalho brasileiro? O objetivo geral consiste em compreender quais fatores tem contribuído para o elevado índice de desocupados entre os jovens de 18 a 24 anos no Brasil. E tem como objetivos específicos: 1) verificar a distribuição de desocupação entre os jovens de 18-24 anos no período de 2015-2019 para o Brasil e regiões; e 2) descrever os fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que tem contribuído para que muitos jovens fiquem desocupados. Diante disto, usou-se a Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o levantamento da distribuição de desocupação entre os jovens de 18 a 24 anos, no período de 2015 a 2019 do Brasil e das regiões. Fez-se uso também de um levantamento bibliográficos para a compreensão dos fatores que contribuem para desocupação entre a faixa etária pesquisada. Diante do exposto, pontua-se uma houve uma diminuição na distribuição de desocupação em todas as regiões brasileiras, em destaque para a região Sul que apresentou a menor porcentagem (28.0%), até mesmo abaixo da porcentagem do país de 31.9%. A região Norte, quando comparado aos demais estados, teve nos primeiros anos as maiores porcentagens de desocupação do País e nos últimos anos, o que foi refletido em todo país. O Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, mantiveram uma média ao longo dos anos e vem diminuindo. Diversos fatores foram identificados como contribuintes de distribuição de desocupação entre os jovens, como falta de qualificação, situações de pobreza, sexo, estantes estes marcados como fatores econômicos, sociais, culturais e políticos.

**Palavras-chave:** Jovens. Desocupação. Regiões Brasileiras.

## **ABSTRACT**

Unemployment is an important and affecting phenomenon, due to its impact on a country's economy and society. The unemployment is understood by the condition in relation to the workforce, that is, by the non-activity in paid activities, by the availability or those who stopped performing any work activity. Note that young people between 18 and 24 years old occupy the highest unemployment rates in the country. Therefore, the problem of this research is: What factors contribute to the facts of young people aged 18 to 24 years old with difficulties to find an activity in the Brazilian labor market? The general objective is to understand which factors are contributing to the high rate of unemployment among young people aged 18 to 24 years in Brazil. Its specific objectives are: 1) to verify the distribution of unemployment among young people between 18 and 24 years old in the period 2015-2019 for Brazil and regions; and 2) describe the economic, social, cultural and political factors that contributed to many unemployed youth. Therefore, use the National Household Survey (PNAD) of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), to survey the distribution of unemployment among young people aged 18 to 24 years, with no period from 2015 to 2019 in Brazil and the regions. Also use a bibliographic survey to understand the factors that contribute to unemployment in the age group surveyed. In view of the above, there was a reduction in the distribution of unemployment in all Brazilian regions, with emphasis on the South region, which has the lowest percentage (28.0%), even below the percentage of the country of 31.9%. The North region, when compared to the other states, had in the first years the highest unemployment rates in the country and in recent years, or was reflected in all parents. The Northeast, Southeast and Midwest have maintained an average over the years and have been decreasing. Several factors were used to contribute to the distribution of unemployment among young people, such as lack of qualifications, situations of poverty, sex, factors that are marked as economic, social, cultural and political factors.

**Keywords:** Young People. Eviction. Brazilian Regions

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1</b> – Distribuição de desocupação de jovens de 18 a 24 do Brasil, nos trimestres do período de 2015 a 2019.....                     | 18 |
| <b>Tabela 2</b> - Distribuição de desocupação de jovens de 18 a 24 do Brasil, nos trimestres do período de 2015 a 2019, Região Nordeste .....   | 19 |
| <b>Tabela 3</b> - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao período de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Norte. ....   | 19 |
| <b>Tabela 4</b> - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Sul. ....         | 20 |
| <b>Tabela 5</b> – Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Sudeste. ....     | 20 |
| <b>Tabela 6</b> - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Centro-Oeste..... | 21 |

## SUMÁRIO

|     |                                                                                   |    |
|-----|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....                                                                  | 10 |
| 2   | REVISÃO DA LITERATURA.....                                                        | 12 |
| 2.1 | Breve histórico do surgimento do desemprego .....                                 | 12 |
| 2.2 | Desemprego entre os jovens.....                                                   | 13 |
| 2.3 | Programas de inserção do jovem no mercado de trabalho.....                        | 15 |
| 3   | METODOLOGIA.....                                                                  | 17 |
| 4   | RESULTADOS E DISCUSSÕES .....                                                     | 18 |
| 4.1 | Distribuição de jovens desocupados.....                                           | 18 |
| 4.2 | Fatores que contribuem para que os jovens fiquem fora do mercado de trabalho..... | 21 |
| 5   | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                        | 25 |
|     | REFERENCIAS.....                                                                  | 27 |

## 1 INTRODUÇÃO

O desemprego é um fenômeno que tende a acompanhar as oscilações da atividade econômica de um determinado país. No entanto, este fenômeno pode variar de acordo com o perfil do trabalhador, uma vez que é necessário observar se a privação de trabalho é generalizada ou é algo característico de grupos mais vulneráveis na economia (PRONI, 2015).

No cenário nacional, conforme dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), embora o mercado de trabalho tenha apresentado sinais de melhora, como salários melhores e abertura de novas vagas no terceiro trimestre de 2019, os dados mais recentes apresentam certa estabilidade, contudo ainda há dúvidas quanto ao ritmo e à qualidade dessa recuperação, principalmente em relação a efetivação de funcionários recém contratados. De fato, o cenário de emprego inicialmente projetado para 2018 havia sido baseado em expectativas de uma aceleração mais intensa da economia brasileira, o que não foi consolidado no fim de 2019. Consequentemente, a melhora projetada para o mercado de trabalho vem ocorrendo de maneira mais moderada, concentrada, sobretudo, no setor de serviços e na expansão da ocupação no mercado informal.

Segundo dados divulgados pelo IBGE (2019), no Brasil durante o primeiro trimestre do ano de 2019, os jovens nas categorias de desocupados/fora da força de trabalho, entre 18 a 24 anos representam 31.8%, e no terceiro trimestre houve uma queda e esse valor ficou em 31.9%, esses valores são superiores quando comparados a média nacional que engloba todas as faixas etárias e sexo, que é de apenas 11.8%, segundo as referências do último trimestre de 2019. Estes resultados podem ser ocasionados por vários fatores, como características produtivas/não produtivas, escolaridade, falta de empregabilidade, o que é influenciado também pelo cenário de emprego ainda mais adverso, que combina desemprego elevado (26,6%), baixo crescimento da ocupação (0.4%) e queda de rendimento real (-0.8%).

Na maioria das economias, o grupo formado pela população jovem possui as maiores porcentagens de desemprego e o Brasil segue essa tendência. Portanto, os jovens brasileiros têm enfrentado elevadas porcentagens de desemprego porque, se por um lado, adiam a entrada no mercado de trabalho para investir em capital humano, por outro, ao regressar ao mercado, enfrentam dificuldades de obter uma

vaga devido à falta de experiência, aos ciclos econômicos da região e do país, e à crescente concorrência entre os candidatos.

Diante disto, o problema desta pesquisa é: Que fatores têm contribuído de fato para que os jovens de faixa etária de 18 a 24 anos tenham dificuldade para encontrar uma ocupação no mercado de trabalho brasileiro? O objetivo geral consiste em compreender quais fatores tem contribuído para o elevado índice de desocupados entre os jovens de 18 a 24 anos no Brasil. E tem como objetivos específicos: 1) verificar a distribuição de desocupação entre os jovens de 18-24 anos no período de 2015-2019 para o Brasil e regiões; e 2) descrever os fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que tem contribuído para que muitos jovens fiquem desocupados.

Escolheu-se esta faixa etária por encontrar-se na primeira fase da maioridade e ser também uma das classificações de faixa etária do IBGE. Outro motivo é que os jovens de 18 a 24 anos estão saindo da adolescência e iniciando a vida adulta, são dadas novas responsabilidades, podem contribuir economicamente para o governo, buscam pela independência financeira e geralmente estão adentrando ou finalizando o ensino superior.

Esta monografia está estruturada em cinco seções, sendo que a primeira é esta introdução, a segunda refere-se à revisão de literatura em que contextualizou desemprego na história do Brasil e entre jovens, assim como medidas governamentais voltadas para a diminuição desse fenômeno, a terceira consiste nos procedimentos metodológicos que descreve o percurso realizado para a concretização do estudo e a escolha dos critérios para seleção dos estudos analisados, a quarta consiste nos resultados e discussão onde apresenta-se os principais resultados assim como os impactos do desemprego entre jovens, e na última seção apresenta-se as considerações finais.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Breve histórico do surgimento do desemprego**

O desemprego resulta de um processo histórico que desenvolveu-se juntamente com a sociedade industrial e o surgimento da classe de assalariado. Inicialmente, séculos XVIII e XIX, não havia esses termos emprego e desemprego, contudo haviam pessoas pobres, indigentes ou mendigos, de modo que a preocupação era com a falta de recursos para essas pessoas suprirem suas necessidades (CHEVALIER, 1978, apud MEDEIROS, 2012). Essas classes foram consideradas pela burguesia como classes perigosas, delinquentes ou vagabundos. Para combater a pobreza e a ociosidade dessas pessoas distribuíam-se recursos, não somente isto, mas também se forneciam atividades a elas (CHEVALIER, 1978, apud MEDEIROS, 2012).

Gautié (1998) também escreveu sobre esse processo da invenção do emprego, conforme ele chama, e foca no final do século XIX e início do século XX, especialmente os anos 1930. O referido autor afirma que o desemprego é um problema social que resultou de disfunções sociais da sociedade industrial.

Tanto Gautié (1998) como Medeiros (2012) relatam que haviam políticas que serviam de combate à pobreza, com destaque a assistência que ocorria na forma de caridade. Mas, não somente isto, essa assistência era acompanhada de repressão. Gautié (1998) chama a atenção para o fato de que assistência é instável, sendo prioritária em certos períodos e depois perde espaço por suspeita de ineficácia por manter ou encorajar o fenômeno ao qual se combate.

A noção do termo desemprego era entendida como privação de trabalho e surge com as transformações das relações de produção, ligando os proprietários e os trabalhadores e, mais precisamente, a codificação dessa relação através do salário (CASTELLS, 2000 apud MEDEIROS, 2012). Para Medeiros (2012) o reconhecimento da qualidade de quem não tem emprego se torna também, uma categoria jurídica, noção que vai definir a situação de trabalhadores que estão privados e excluídos do direito do trabalho. “É precisamente o reconhecimento social das reivindicações dos indivíduos presentes no mercado de trabalho que vai se constituir o princípio da codificação do desemprego moderno” (MEDEIROS, 2012, p. 107).

Segundo Medeiros (2012), a categoria de desempregados se consolida após a Segunda Guerra Mundial, momento em que surgem também os movimentos de planificação, e no Brasil isto acontece precisamente em 1945 com a promulgação da constituição nacional. Pode-se dizer que: “A constituição de 1946 reconhece a emergência do desemprego moderno, ao definir o desempregado como o indivíduo disponível e a procura de emprego, o que implica a afirmação da responsabilidade estatal de garantia de pleno emprego” (MEDEIROS, 2012 p. 107).

Percebe-se que após o reconhecimento por lei, no qual houve a identificação do que se tratava o desempregado, possivelmente amenizou o sentimento de exclusão, mas não garantiu o respeito, pois há ainda um grande preconceito quando se remete ao desempregado, se ele está na periferia, seu sexo, gênero, religião, cor e condições físicas e mentais. Assim, faz-se importante pontuar uma classe que também participam do patamar de exclusão, que são os jovens e inexperientes, além de refletir o que está sendo realizado pelos governos para que as estatísticas diminuam.

## **2.2 Desemprego entre os jovens**

Pochmann (1998) analisou o fenômeno do emprego e do desemprego dos jovens no Brasil na década de 1990 e constatou que este passou por profundas modificações. O referido autor afirma que o desemprego no país foi relativamente comprimido na década de 1980 e que aumentou nos anos 1990. E cita que os jovens perderam, no período de 1986 a 1996, 861,7 mil postos de trabalho. O autor explica que isso se deveu, em parte, a redução dos postos de trabalho para crianças de 10 a 14 anos, os jovens de 15 a 19 também foram afetados pela redução dos postos de trabalho. Por outro lado, aumentou os postos de trabalho para os jovens de 20 a 24 anos.

Segundo Pochmann (1998), a explicação para o forte aumento do desemprego nos anos 1990 está na escassez de postos de trabalho. E com relação aos jovens estes, estes encontram crescentes dificuldades de se inserir no mercado de trabalho que exige pessoas adultas ou à exigência de prova de experiência (POCHMANN, 1998; CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

Castro e Abramovay (2002) relatam que, diante das mudanças que ocorreram no mercado de trabalho – desregulamentação e flexibilização -, são exigidos dos

jovens qualificações que não são acessíveis a todos, pois se exige educação e qualificação profissional. Isso são entraves que deixam muitos jovens a margem do mercado de trabalho. Os referidos autores apontaram que há muito mais jovens no mercado de trabalho informal do que no formal, conforme dados que analisaram de 1998.

Na década seguinte, anos 2000, o desemprego continuou e foi aprofundado pela crise econômica de 2008. Druck (2011) apontou que um estudo da OIT publicado em 2009 registrou a perda de 20 milhões de postos de trabalho, 5 milhões de trabalhadores encontravam-se em situação extrema de vulnerabilidade e outros 45 milhões poderiam ficar de fora do mercado de trabalho, dentre os quais os jovens. Estes por se incluírem no grupo de trabalhadores menos qualificados.

Segundo Druck (2011), em 2009 o Brasil apresentava uma porcentagem de desemprego de jovens negros de 18,8%, de jovens brancos 16,5%. A referida autora cita que da distribuição de desemprego (8,3%) em 2009, os jovens correspondiam a 18,0%. A autora explica que o desemprego é marcado pela diferença étnica, de gênero e diferença geracional.

Corseuil, Poloponsky e Franca (2018) analisaram o desemprego entre os jovens no período de 2012 a 2017. Os autores contataram que crescimento do desemprego de jovens (de 15 a 29 anos), chegando ao patamar de 25% em 2017. Contudo, ressaltam que em 2017 a porcentagem de desemprego entre os jovens começou a recuar, dando sinais de melhoria.

O estudo de Garanhaní (2014) mostra alguns fatores que interferem na inserção dos jovens no mercado de trabalho como a baixa escolaridade e as políticas das empresas. Por outro lado, apontou que os empresários esperam contratar jovens que sejam responsáveis, tenham atitude, comunicação, motivação dentre outras qualidades.

Em 2010 a OIT apresentou o cenário de crise no mundo do trabalho, sendo mais crítico para os jovens, pois ao passar dos anos as porcentagens de desemprego dos jovens vem aumentando. Esse grupo de jovens desempregados foi denominado de 'geração perdida' por ter reduzido suas expectativas e esperança de ter uma vida digna e comprometido com as gerações futuras. (OIT, 2010; apud Garanhaní, 2014).

Para a OIT (2010), apud Garanhaní, (2014), há quatro categorias no quais podem inserir os jovens no quadro de desemprego: I) Desemprego de inserção:

jovem que busca o primeiro emprego, e que mesmo com qualificação não é inserido no mercado de trabalho; II) Desemprego decorrente: exercem atividades de forma temporária; III) Desemprego de reestruturação: quando o empregador fecha empresas, assim o jovem exercia atividade remunerada, mas teve que ser demitido devido fatores superiores; e por fim IV) Desemprego de exclusão: jovens de baixa escolaridade e que por não ter oportunidades adentram a marginalidade, mesmo estando em idade ativa.

Ao longo do tempo, o problema do desemprego passa a ser percebido pela necessidade de uma maior interferência dos poderes públicos, posto que os dados só crescem a cada ano, e principalmente entre os jovens, havendo assim a necessidade de qualificação e formação desses jovens por meios de políticas públicas que possam desacelerar esse crescimento.

### **2.3 Programas de inserção do jovem no mercado de trabalho**

Diante das elevadas porcentagens de desemprego dos jovens e das dificuldades de se inserem no mercado de trabalho o Governo Federal tem criado políticas de inclusão desses jovens no mercado de trabalho. Dentre essas políticas, citam-se o programa Jovem Aprendiz criado pela Lei Nº 10.097, de dezembro de 2000. Essa Lei estabelece que os jovens de 14 a 18 anos podem ser contratados para trabalhar na condição de aprendiz por prazo limitado ao máximo de 2 anos (BRASIL, 2000).

Assim, o programa Jovem Aprendiz, direciona jovens para o mercado de trabalho. Com isso os jovens se adequam ao ambiente de trabalho, ao cotidiano de responsabilidade e socialização, além de contribuir também para o amadurecimento e formação intelectual.

Essas atividades são conduzidas e asseguradas de forma coerente ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pois as atividades desenvolvidas pelo jovem aprendiz não podem conflitar com sua formação acadêmica. Desse modo, ao jovem aprendiz é assegurado que seu trabalho não prejudique sua formação, o seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social. Além disso, o local e o horário de trabalho não devem impedir sua frequência à escola (BRASIL, 2000).

Um outro programa criado para dar oportunidade aos jovens é o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), que foi criado em 2008, Lei Nº

11.692. O programa é destinado à jovens de 15 a 29 anos e tem como objetivo promover a reintegração dos jovens ao processo educacional, à qualificação profissional e desenvolvimento humano (BRASIL, 2008). Para atingir esses objetivos o programa foi subdividido em quatro modalidades: i) Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo; ii) Projovem Urbano; iii) Projovem Campo - Saberes da Terra; e, iv) Projovem Trabalhador.

Esses programas voltados aos jovens em situação de pobreza e vulnerabilidade social, surgiram com o intuito de gerar condições de profissionalismo, formação e geração de renda, tendo em vista que a clientela atendida pelos programas sofre preconceitos e exclusão social. Segundo Abramo (1997) essa forma de enxergar o jovem oportunizou os programas de governo e pensar na quebra de estigmas que vinham dificultando a inserção no mercado de trabalho, outro fator é o abandono escolar, o que pelo incentivo dos programas influenciou na possibilidade de não apenas trabalhar, mas de estudar também.

Percebe-se que diante destas informações e a literatura apresentada a tendência de crescimento do desemprego é um fato real e preocupante, posto que, a cada ano menos vagas e oportunidades são criadas enquanto a população jovem é maior do que a disponibilidade de emprego, mesmo mediante a qualificação e formação oportunizada.

É nesse sentido, que deve-se manter um olhar compreensivo aos jovens desempregados, a fim de entender esses fatores e como geram impactos na situação de desemprego.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo classifica-se como uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, pois se fez levantamento e análise da distribuição de jovens de 18 a 24 anos desocupados e, em seguida, descreveu-se os fatores que explicam este fato. Deste modo, a pesquisa foi apoiada no método dedutivo, posto que o mesmo, parte de uma visão ampla, geral, e que vai se elucidando e estreitando as possibilidades, até chegar a conclusões lógicas e específicas (GIL, 2016).

O objeto de estudo é a distribuição de desocupação de jovens de 18 a 24 anos no Brasil. Utilizou-se como fonte de informação a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do qual se coletou a distribuição de desocupação entre os jovens de 18 a 24 anos no período de 2015 a 2019. Selecionou-se os dados do Brasil e regiões.

Assim, a pesquisa apresenta cunho descritivo e explicativo, o primeiro por perceber que a pesquisa descritiva remete a observação, registro e análise correlacionando fatos ou fenômenos variáveis sem necessariamente manipulá-los. Por conseguinte, explicativa devido a identificação de fatores que possam interferir nos fenômenos, sendo um complemento da outra (GIL, 2016).

Estas abordagens foram apoiadas no método bibliográfico, em que se buscou esclarecer, com base em trabalhos científicos, por que a porcentagem de desocupação entre os jovens é alta. Segundo Lakatos (2011) este é o método que se adequa com maior relevância ao desenvolvimento e esclarecimento dos objetivos almejados pela pesquisa, pois é desenvolvido com base em material já elaborado e constituído principalmente por artigos científicos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da realização do levantamento de dados e da revisão bibliográfica, pode-se perceber um panorama sobre distribuição de desocupação e seus fatores.

### 4.1 Distribuição de jovens desocupados

Segundo o IBGE (2019), identifica-se como desocupados, pessoas que no período de levantamento dos dados para a PNAD, não estavam exercendo alguma atividade remunerada no período de referência equivalente a 30 dias ou estavam disponíveis a assumir na semana ou após o levantamento. Esse indicador aponta que no último trimestre de 2019, o Brasil possuía 171.2 milhões de pessoas, com 14 anos ou mais, em condições de trabalhar. No entanto, 12.5 milhões (taxa de 11.8%), estão desocupadas. Entre os jovens de 18 a 24 anos, a média nacional referente a distribuição de desocupados foi de 31.9%.

Pode-se observar o comportamento da porcentagem de desocupação de jovens de 18 a 24 anos no Brasil, nos trimestres do período de 2015 a 2019, na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição de desocupação de jovens de 18 a 24 do Brasil, nos trimestres do período de 2015 a 2019.

| ANO                 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|---------------------|------|------|------|------|------|
| <b>1º trimestre</b> | 33.4 | 33.2 | 31.8 | 32.3 | 31.8 |
| <b>2º trimestre</b> | 33.4 | 32.5 | 32.0 | 32.0 | 31.6 |
| <b>3º trimestre</b> | 33.1 | 32.6 | 32.6 | 32.6 | 31.9 |
| <b>4º trimestre</b> | 32.4 | 32.5 | 32.7 | 32.4 | *    |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

Percebe-se que a porcentagem de jovens desocupados, ao longo dos anos analisados, apresentou pequenas variações, oscilando entre 33.4% a 31.6%. O resultado mais baixo foi registrado no 2º trimestre de 2019. No geral, ao longo do período houve uma leve queda na porcentagem de desocupação desses jovens, que pode ser resultado da melhora da economia brasileira que aumentou os postos de trabalho. Pode-se dizer que há algo positivo, pois, a economia brasileira está

retomando seu crescimento econômico e, com isso, surgindo novos postos de trabalho.

Ao analisar a porcentagem de desocupação de jovens de 18 a 24 anos por regiões, deve-se ressaltar que existem fatores diversos que são característicos da própria região que influenciam nesses resultados. Na região Nordeste (ver Tabela 2), observa-se que a distribuição de desocupação dos jovens oscila e mantém a média para o Brasil. No entanto, houve queda significativa da porcentagem de desocupação passando de 33.9%, no segundo trimestre de 2016, para 32.1% no penúltimo trimestre de 2019, sendo este a menor porcentagem.

Tabela 2 - Distribuição de desocupação de jovens de 18 a 24 do Brasil, nos trimestres do período de 2015 a 2019, Região Nordeste

| <b>ANO</b>          | <b>2015</b> | <b>2016</b> | <b>2017</b> | <b>2018</b> | <b>2019</b> |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>1º trimestre</b> | 33.7        | 33.8        | 32.1        | 32.6        | 32.4        |
| <b>2º trimestre</b> | 33.4        | 33.9        | 32.2        | 32.9        | 32.9        |
| <b>3º trimestre</b> | 32.5        | 32.9        | 32.6        | 32.9        | 32.1        |
| <b>4º trimestre</b> | 33.3        | 33.4        | 32.4        | 33.1        | *           |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

Na região Norte (ver Tabela 3) o ano de 2015 foi marcado pelo crescimento da porcentagem de desocupação, no ano seguinte houve uma pequena queda, que foi se mantendo nos anos seguintes. O ano de 2017 foi o que apresentou uma menor distribuição, nos três primeiros trimestres e teve uma alta no quarto trimestre.

Tabela 3 - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao período de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Norte.

| <b>ANO</b>          | <b>2015</b> | <b>2016</b> | <b>2017</b> | <b>2018</b> | <b>2019</b> |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>1º trimestre</b> | 36.8        | 36.2        | 34.5        | 35.6        | 34.1        |
| <b>2º trimestre</b> | 37.9        | 36.6        | 34.1        | 34.6        | 35.8        |
| <b>3º trimestre</b> | 38.4        | 36.6        | 34.0        | 35.7        | 35.5        |
| <b>4º trimestre</b> | 38.9        | 38.1        | 36.7        | 35.0        | *           |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

A região Sul iniciou o primeiro trimestre de 2015 com uma porcentagem alta, mas ao decorrer dos anos os números foram diminuindo e no último trimestre de 2019 apresentou distribuição entre os estados (vide Tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Sul.

| ANO                 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|---------------------|------|------|------|------|------|
| <b>1º trimestre</b> | 35.6 | 35.4 | 30.8 | 32.6 | 33.7 |
| <b>2º trimestre</b> | 33.7 | 32.3 | 32.1 | 32.1 | 30.4 |
| <b>3º trimestre</b> | 32.8 | 32.1 | 32.6 | 31.7 | 28.0 |
| <b>4º trimestre</b> | 33.1 | 31.5 | 33.3 | 31.1 | *    |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

A Região Sudeste apresenta uma distribuição que pouco oscila e que se mantém numa média durante os anos, sendo que sua maior porcentagem foi no quarto trimestres de 2015 e sua menor no segundo trimestre de 2019 (Tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Sudeste.

| ANO                 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|---------------------|------|------|------|------|------|
| <b>1º trimestre</b> | 32.1 | 32.1 | 31.4 | 31.4 | 30.9 |
| <b>2º trimestre</b> | 33.0 | 31.3 | 31.7 | 31.0 | 30.2 |
| <b>3º trimestre</b> | 32.8 | 31.9 | 32.3 | 31.9 | 32.1 |
| <b>4º trimestre</b> | 33.1 | 31.1 | 32.9 | 31.7 | *    |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

A Região Centro-Oeste, como as demais, teve uma diminuição porcentagem de desemprego, sendo as menores porcentagens registradas no 4º trimestre de 2015 e no 1º trimestre de 2019. Em relação ao ano de 2015 e 2016, houve uma oscilação significativa, quando se comparada aos demais anos, mantendo-se estável nos anos de 2017, 2018 e 2019 (ver Tabela 6).

Tabela 6 - Distribuição de desocupação trimestrais referentes ao ano de 2015 a 2019 entre jovens de 18-24 anos, região Centro-Oeste.

| ANO                 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|---------------------|------|------|------|------|------|
| <b>1º trimestre</b> | 33.2 | 31.3 | 31.0 | 33.2 | 30.5 |
| <b>2º trimestre</b> | 31.1 | 30.5 | 31.4 | 32.4 | 33.2 |
| <b>3º trimestre</b> | 31.3 | 32.9 | 33.3 | 34.2 | 32.0 |
| <b>4º trimestre</b> | 30.3 | 32.3 | 32.8 | 32.6 | *    |

Fonte: IBGE/PNAD. \*Sem dados

Diante do exposto, pontua-se uma houve uma diminuição na distribuição de desocupação em todas as regiões brasileiras, em destaque para a região Sul que apresentou a menor porcentagem (28.0%), até mesmo abaixo da porcentagem do país de 31.9%.

A região Norte, quando comparado aos demais estados, teve nos primeiros anos as maiores porcentagens de desocupação do País e nos últimos, assim como em todos país, vem diminuindo. O Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, mantiveram uma média ao longo dos anos e vem diminuindo.

As oscilações referentes a distribuição por região podem ser influenciadas por muitos fatores, principalmente em relação as regiões mais populosas, criação de emprego, desenvolvimento de políticas, desenvolvimento da economia, formalização de empregos e outros fatores que podem fazer com que algumas regiões se apresentem com resultados significativos.

#### **4.2 Fatores que contribuem para que os jovens fiquem fora do mercado de trabalho**

Ao buscar compreender os fatores que contribuem para que esses jovens estejam apresentando porcentagens tão altas de desemprego, encontra-se diversos fatores, mas os principais são econômicos, sociais, culturais e políticos.

Garcia e Gonzaga (2014) ao analisar os resultados de pesquisas dos últimos trinta anos sobre o quadro de emprego e desemprego na região de São Paulo, perceberam um crescimento anual de desemprego entre os jovens 16 a 24 anos. Esses autores apontaram que vários fatores contribuíram para isso, entre os quais

estão à falta de experiência, mudanças de políticas econômicas, as características da população, a escolaridade e até mesmo mudanças comportamentais.

A elevação do nível de escolaridade ou mesmo a frequência à escola parece ter influência preponderante nesses casos. *Entre os jovens, ocorreu, em certa medida, a troca da entrada no mercado de trabalho pela continuidade dos estudos.* O crescimento, mais recente, do número de famílias com nível socioeconômico acima da pobreza permitiu o adiamento dessa entrada. Do lado do próprio mercado, naquele período de altas taxas de desemprego e de baixo crescimento econômico, a procura por trabalho foi desestimulada pela baixa oferta de oportunidades, tarefa em que não se esperava muito êxito, principalmente para quem não tinha experiência anterior (GARCIA; GONZAGA, 2014, p.131).

Observa-se que a qualificação é um fator que influencia a entrada dos jovens no mercado de trabalho, posto que quanto mais formação há mais possibilidades. No entanto, as crises financeiras geram impactos na contratação de novas pessoas, assim há mais vagas para as pessoas com mais qualificação, fazendo com que o jovem que não possui qualificação se intimida na busca de novo emprego devido as exigências, assim como empregadores que se encontram em situação de crise, não abrem novas vagas, fazendo com que os índices de desemprego aumentem.

Segundo Araújo e Antigo (2016), o desemprego entre a população jovem decorre de impactos sociais e econômicos, tanto no Brasil e no Mundo, entre os fatores há a falta de experiência e a entrada tardia no mercado de trabalho se deve ao fato de o jovem estar se qualificando.

Uma melhoria no crescimento econômico do país não significa necessariamente uma melhora nas condições de trabalho para jovem, sendo a estes ofertados menores salários, empregos provisórios ou com pouca qualificação. Para Santos e Gimenez (2015) não houve melhorias em relação a inserção de jovens no mercado de trabalho, mesmo diante do crescimento de políticas públicas e da melhoria da economia, pois existem problemas históricos, políticos e sociais. Assim, observa-se que há uma falta de valorização do jovem, o que pode desestimula-lo. Numa situação em que o jovem entra no mercado de trabalho e ainda está na fase de qualificação, muitas vezes o trabalho tem uma elevada carga horária, dificultando o acesso as formações, e a remuneração baixa, não se apresentando atrativo, o que o desestimula.

Souza e Riani (2019) apontam que a vulnerabilidade social da juventude deriva da combinação de diversas condições desfavoráveis frequentemente sobrepostas, assim jovens que residem em determinadas áreas da cidade estão mais sujeitos a uma inserção mais precária e têm acesso a um mercado de trabalho mais restrito. Além disso, o mercado de trabalho das mulheres parece ser bem diferente daquele acessível aos homens.

Garanhani (2014) cita Correia, Baltazar e Holanda (2006) para apontar que há uma diferenciação na inserção do jovem no mercado de trabalho que se dá conforme a condição socioeconômica da família. Assim são os jovens com baixa escolaridade e oriundos de famílias de baixa renda que têm maiores dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, Garanhani (2014) ressalta que esses empecilhos não são uma regra geral, porém é algo que influencia e se faz presente na maioria de estudos voltadas à essa temática com a mesma faixa etária de 18 a 24 anos.

Estudos de Corseuil, Polonsky e Franca (2018), apontou que as porcentagens de desemprego entre os jovens brasileiros crescem devido ao “trabalhador adicional”, ou seja, aquele que substitui outra mão de obra, recebe um valor inferior e não possui garantias, a qual relaciona um aumento da participação do jovem no mercado de trabalho, quando esses jovens estão entre 15 a 17 anos, houve uma diminuição expressiva na porcentagem de participação. Os dados também apontam que esses jovens que optam para o trabalho informal e temporário não conseguem efetivação diante de adultos.

Quando se remete aos fatores culturais, Araújo e Antigo (2016) afirmam que o desemprego gera uma gama de problemas sociais, nesse sentido percebe-se que há uma identificação social da identidade daqueles que estão aptos ao mercado de trabalho, as pessoas que ocupam as vagas possuem características de um sujeito classe média alta, assim, a pessoa precisa-se compreender que ao longo do tempo essa classe social esteve presente nas vagas de trabalho, onde negros, mulheres, periféricos ou pessoas com deficiências assumiam subempregos ou não assumiam trabalho algum. O jovem, por sua vez, é julgado pela experiência sem ter tido oportunidade de exercer atividade para aprimorar as atividades profissionais.

Ao compreender o cenário político ao decorrer dos anos, nota-se que houve um crescimento em relação às políticas de inserção do jovem ao mercado de trabalho, mas não é algo que tem diminuído as porcentagens de desemprego.

Diante dos trabalhos apresentados pode-se observar que os jovens, não diferente dos resultados encontrados no referencial principal, sofre preconceito pelas questões referentes a falta de experiência, qualificação e questões ligadas ao meio social, posto que, como esses jovens podem terem experiências se as oportunidades de trabalhos não observam que para ter experiência se faz necessário ter oportunidade de acessar a prática, e que durante as oportunidades de execução do trabalho é que os mesmo vão se aprimorando.

Em relação a qualificação, percebe-se que os jovens presentes à margem da sociedade, possuem mais dificuldades de conseguir qualificação, posto que essa qualificação necessidade de dedicação de tempo e estudos extras. Conforme estudos de Souza e Riani (2019), muitas vezes é que esses jovens abandonam a escola para ajudar na renda familiar, sendo assim, oportuniza o jovem exercer atividades irregulares e não instáveis, fazendo com que o mesmo não contribua economicamente.

Os dados sobre o desemprego sobem quando se filtra os dados em relação ao sexo e cor da pele, estando mulheres, negros e pardos entre a população com maior porcentagem de desemprego. Para Araújo e Antigo (2016) perfis dentro dessas características contribuem para as maiores porcentagens, assim ser mulher, negra, com pouca qualificação tendem a contribuir para o aumento da distribuição de desemprego, pontua-se que não signifique que a mesma não consiga emprego ou chegue a se efetivar, mas em relação aos perfis contrários, é a que mais permanece entre os desocupados.

Os trabalhos citados apontam perspectivas diante da realidade econômica da época em que foram publicados, sendo que em comum há a fortemente o desemprego entre jovens de baixa renda e que não possuem uma qualificação, outro fator a ser observado é em relação aos negros e mulheres, que por questões culturais que se alastram por décadas e uma construção social preconceituosa, esses jovens possuem uma maior dificuldade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos pode-se observar que a distribuição de desocupação entre jovens entre 18 anos e 24 anos, que se encontram desocupados vêm diminuindo vagorosamente ao longo dos anos, flutuando de acordo com o crescimento da economia.

Diante da distribuição de desocupação no País, percebe-se que houve a redução das porcentagens, principalmente nos anos de 2018 e 2019, tanto para as regiões como para o Brasil. Destaca-se a Região Sul com os menores números de desocupação, e a região Norte com as maiores porcentagens.

Consideram-se vários fatores que influenciam nesses resultados, o que contribui para que jovens fiquem à margem do mercado de trabalho: a falta de experiência, a não qualificação dessas jovens, questões referentes a raça e gênero, fatores sociais, econômicos e políticos.

Assim a falta de experiência, apresentado dos estudos, foram indicados devido à falta de acesso a escolarização, a cursos profissionalizantes e a capacitações. No entanto, há alguns anos as políticas públicas de acesso ao primeiro emprego foram desenvolvidos no intuito de incentivar que as estatísticas de desemprego entre jovens fossem diminuídas, de outro lado houve também um maior acesso aos cursos superiores, o que faz com que muitos optam para graduações que permitem uma construção profissional sólida.

Outros aspectos a serem pontuados são referentes as questões de gêneros, raciais, econômicas e sociais que influenciaram nas pesquisas, sendo que jovens negros, mulheres, homossexuais, periféricos e socialmente excluídos ocupam uma parcela maior de desempregados. Compreende-se que esses jovens possuem historicamente no Brasil uma desvantagem diante de jovens brancos, homens, heteros e de classe social média e alta, posto ao contexto histórico racista e classicista em que a sociedade brasileira se desenvolveu. Geralmente as vagas de empregos temporários, de elevada carga horário e que exigem uma maior dedicação, são ocupadas pela parcela excluída socialmente.

Ao longo dos estudos apresentado percebeu-se algumas limitações como em não levar em consideração as microrregiões brasileiras, o que é de grande importância o seu aprimoramento, que poderá contribuir para a implementação de políticas públicas, visando a inserção dos jovens no mercado de trabalho, além da

ampliação do acesso à educação formal em diferentes níveis, especialmente aqueles voltados para as empresas privadas, como os cursos técnicos e tecnológicos. Destacam-se estes pontos porque a inserção no mercado de trabalho acontece de forma desigual, mesmo dentro de um grupo etário, neste caso os jovens, tendo em vista que esses indivíduos não possuem as mesmas chances.

## REFERENCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo; ANPOCS, 5(6), p. 25-36, 1997.

ARAÚJO, J.P.F. ANTIGO, M.F. Desemprego e qualificação da mão de obra no Brasil. **Revista de Economia Contemporânea**, 20(2), p. 308-335. 2016.

BARDIN, LAURENCE. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. -- São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei Nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10097.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm). Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

BRASIL. **Lei Nº 11.692, de 10 de junho de 2008**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11692.htm). Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, 116, julho/2002.

CHEVALIER, Louis. **Classes Laborieuses et Classes Dangereuses**. ParisHachett: 1978.

CORREIA, B. R. B.; BALTAZAR, C. C.; HOLANDA, S. A. Evolução histórica da organização do trabalho e sua influência sobre o emprego dos jovens no Brasil. **Anais. XXVI ENEGEP**, Fortaleza: 2006. Disponível em: Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006\\_TR550371\\_7501.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR550371_7501.pdf). Acesso em: 02 de set 2019.

CORSEUIL, C. H. L.; POLOPONSKY, K. FRANCA, M. A. P. Uma interpretação para a forte aceleração da taxa de desemprego entre os jovens. IPEA, **Nota Técnica**, 64(4). 2018.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador, 24(01), 2011.

GARANHANI, T. **A inserção do jovem em busca do primeiro emprego no mercado de trabalho de Cacoal-RO**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Administração) Universidade Federal de Rondônia. Cacoal, 2014.

GARCIA, L. GONZAGA, L.L. Pesquisa de emprego e desemprego: trinta anos de acompanhamento do mercado de trabalho da região metropolitana de São Paulo. **Estudos avançados**, 28(81), p. 127-140, 2014.

GAUTIÉ, J. Da invenção do desemprego à sua desconstrução. **MANA**, 4(2), p. 67-83, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Indicadores de desemprego**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>. Acesso em: 02 de set 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEDEIROS, M. S. F. Desemprego juvenil: assimetria entre negros e brancos no mercado de trabalho na sociedade brasileira. **Latitude**, vol. 6(1), pp.105-129, 2012.

POCHMANN, M. Emprego e desemprego dos jovens no Brasil dos anos 90. **Anais**. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABE. 1998.

PNAD. **Pesquisa nacional de amostra de domicílios continua trimestral**. 2019. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72421>. Acesso em: 28 de janeiro de 2020.

PRONI, M.W. Teorias do desemprego: um guia de estudo. **Instituto de Economia**, 254, Campinas, 2015.

SANTOS, A.L; GIMENEZ, D.M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos avançados**, 29(85), p. 153-168, 2015.

SOUZA, N.R.M. RIANI, J.L.R. Vulnerabilidade de inserção no mercado de trabalho dos jovens moradores de favelas de Belo Horizonte. **Ciências Sociais Unisinos**, 55(1), p. 111.123, 2019.